- SEMÂNTICA I
  Dia 29 - Local: CEL15 - 14:00-18:00
  Coordenador(a): *Mário Eduardo Viaro*

A PRODUTIVIDADE SUFIXAL E A PREFERÊNCIA LINGÜÍSTICA

Nilsa Areán García (USP)

Sabe-se que, na formação de palavras, há vários sufixos que podem designar a mesma função, entretanto no processo lingüístico, alguns têm preferência ante outros. Por exemplo, tanto no português, quanto no galego e espanhol há os sufixos: -or e -nte, e há as palavras: fumador e

fumante para designar um agente que fuma; entretanto cada variante lingüística tem a sua preferência; no castelhano, galego e português de Portugal é utilizada a forma fumador, enquanto no português brasileiro: fumante.

Sabe-se também que muitas vezes a forma cristalizada pode não corresponder à forma teoricamente esperada, devido a influências diversas sofridas no decorrer do processo lingüístico. Por exemplo, em português usa-se a palavra chaminé; em espanhol: chimenea; em galego: chaminea; que são provenientes do francês chaminée. Porém em galego também é muito usada a palavra fumeira, formada por meio da sufixação.

Por outro lado, sabe-se também, que um mesmo sufixo pode assumir várias noções semânticas. Por exemplo, -eiro(a) em português pode ser usado na formação nominal de: agentes (profissões: pedreiro, sapateiro; pessoa que lida ou cria animais: vaqueiro, cavaleiro; pessoa que trabalha em determinado local: açougueiro, mineiro; pessoa que pratica determinada ação: guerrilheiro, benzedeira); gentílicos (brasileiro, campineiro); qualificativos (fofoqueiro, aventureiro); plantas (oliveira, roseira); doenças (cegueira, cobreiro); instrumentos ou máquinas (geladeira, frigideira); recipientes (saleiro, sopeira); locais (de criação: galinheiro, cupinzeiro; de acúmulo: pedreira, clareira); excesso e acúmulo (berreiro, choradeira, lamaceira, poeira); ações (bobeira, doideira, asneira).

Dessa forma, o significado de uma palavra não está apenas em sua raiz, mas também, pode estar no sufixo e no uso empregado, sujeito às preferências lingüísticas. Essas preferências são reflexos de fenômenos culturais, sociais, políticos etc e atuam na freqüência das palavras e na produtividade dos sufixos que possam estar envolvidos, podendo provocar a cristalização pelo uso e motivar as diferenças nas vertentes usadas.

APONTAMENTOS PARA UMA SEMÂNTICA DO 'MAIS'

Luisandro Mendes de Souza (UFSC)

Este trabalho busca, através do aparato de análise da semântica formal, descrever e explicar o comportamento semântico do "mais" no Português Brasileiro (PB), que como iremos mostrar se comporta como um modificador de grau. A primeira constatação intuitiva que temos é que em algumas construções em que o "mais" ocorre sempre há o pressuposto de comparação que invoca uma espécie de escala ou grau. Em exemplos como mais chá, mais água, João é quem corre mais e João é o mais inteligente, isto pode ser constatado claramente. È o que a literatura tem chamado de posição temática escalar (ZWARTS, 1992, cf. DOETJES, 1997), seja de grau em SAs (sintagma adjetival), seja de quantidade em SNs (sintagmas nominais) ou em SVs (sintagma verbal). Modificador de grau por excelência do PB, o estudo do "mais" pode permitir que compreendamos melhor as estruturas escalares e comparativas do PB. Nossa hipótese inicial, e questão central, é se o "mais" se comporta da mesma forma nos três sistemas (SA, SN e SV), sendo, portanto, plausível a hipótese de relação temática, ou se podemos postular a existência de dois itens distintos, um quantificador nos SNs e SVs, e um modificador de grau nos SAs, dado que o "mais" quantifica sobre os nomes e ações, e modifica o grau dos adjetivos, respectivamente. Ou ainda, se o "mais" é um item diferente do "more" (que é analisado por Doetjes, 1997), e tentarmos buscar uma proposta alternativa para sua análise no PB.

ASPECTO E RESTRIÇÕES LEXICAIS

Teresa Cristina Wachowicz (UFPR)

A interpretação aspectual em PB, além de extrapolar a oposição perfectivo/imperfectivo, abrangendo o estativo e valores quantitativos como o episódico/iterativo e o habitual, exibe forte comportamento composicional, dependendo tanto do léxico quanto de quantificações nominais, flexões verbais e advérbios. O fenômeno da quantificação no NP objeto, por exemplo, depende de informações lexicais do verbo que vão além do traço ADDTO (Verkuyl 1993), como em O professor reuniu quatro bolsistas. A flexão do presente simples, por outro lado, deixa a leitura aspectual diretamente dependente de contexto discursivo, como a manchete Avião faz pouso de emergência. As análises desses fenômenos iniciais, foco de projeto de pesquisa em andamento, indicam hipóteses que estendem e/ou reformulam a teoria do cálculo composicional do aspecto de Verkuyl 1993: 1) as sentenças com verbos -ADDTO parecem fugir à oposição perfectivo/imperfectivo, levando a sentença à leitura estativa; 2) com verbos +ADDTO, as leituras da aspectualidade interna parecem condicionar-se diretamente à informação de cardinalidade do NPint; 3) além da natureza lexical do verbo e da quantificação (não-)especificada do NP objeto, a flexão dos verbos em PB parecem ter pesos diferentes para o aspecto. O presente simples é uma flexão "fraca', pois depende diretamente do contexto discursivo. Mas existem flexões que são mais "fortes', como o -ndo do progressivo ou o -ia/-va do pretérito imperfeito. As flexões fortes têm operação em posição ASPa ; 4) ainda para os verbos +ADDTO, algum significado interno ao verbo condiciona invariavelmente a episodicidade ou a iteratividade. Nesse ponto, julgamos que seria o caso de considerar categorias lexicais mais sofisticadas para verbos, à luz da opção de Rothstein 2004. Por conseguinte, criar-se-iam novas regras aspectuais além do Princípio do Mais, de Verkuyl 1993.

ASPECTOS SEMÂNTICOS DAS CONSTRUÇÕES "DAR UMA X-ADA"

Lucilene Lisboa de Liz (UFSC)

O propósito deste trabalho é compreender de forma mais geral o comportamento das construções "dar uma X-ada". Um primeiro passo foi dado em direção a um estudo morfossintático dessas expressões; no entanto, tais investigações necessitam de um suporte semântico. Para tanto, nosso estudo se preocupa, num primeiro momento, com uma discussão sobre a classe aspectual na qual se inserem estas formações. Para discussão a respeito de conceitos básicos relativamente ao aspecto, o respaldo será em Chierchia (2003) e Parsons (1994). Num segundo momento, interessa-nos a distinção entre as construções com -ada deverbal e denominal, exemplos (1) e (2) respectivamente: (1) "A Maria deu uma pensada no assunto" e (2) "A Maria deu uma bolsada na Ana". Com o estudo do aspecto procuraremos checar que propriedades distinguem estas construções e se de fato é relevante estabelecê-la.

O VALOR ASPECTUAL DO PRETÉRITO PERFEITO DO MODO INDICATIVO: SÉCULO XIX E XX

Juliana Bertucci Barbosa (UNESP)

Nesta exposição, partindo da hipótese da reorganização do sistema de modos e tempos do português do Brasil (PB), pretendemos discutir o emprego das formas simples e a composta do

Pretérito Perfeito no século XIX e XX no português escrito brasileiro (literatura jornalística e oratória). Tomaremos como fundamentação teórica uma análise reichenbachiana, que utiliza três momentos na definição formal dos tempos verbais - momento da fala (MF), momento do evento (ME) e momento da referência (MR) -, complementada por estudos que levam em conta a utilização dos tempos estudados em textos escritos do PB, de diferentes modalidades e estilos. A partir da análise do córpus verificamos a diminuição da freqüência, no século XX (20% / 57), em relação ao século XIX (80% / 225), mostrando que essa forma está deixando de ser produtiva no português do Brasil, diferentemente do que ocorre nas outras línguas românicas. Por outro lado, também observamos que a ocorrência do Pretérito Perfeito, de modo geral, aumentou do século XIX (44% / 1145) para o XX (56% / 1489). Também observamos que entre as ocorrências da forma composta, 4% apareceram, na literatura do século XIX, expressando passado, e não valor aspectual, já na literatura do século XX essa mesma forma foi utilizada expressando apenas seu valor aspectual. Isso evidencia que no século XIX o Perfeito Composto era usado, em algumas situações, exprimindo seu valor temporal, como ocorre nas outras línguas românicas.

PREDICATORS AND THE REPRESENTATION OF THE NOTION OF POWER

Alyson E. R. Steele G. Weickert (UFSC), Apóstolo Nicolacópulos

The main focus of our research is how to represent predicators of power within language in context. The corpus for a pilot study was set up from online news reports on war and politics as a source of language in use. We propose a means of representing the notion of power at the clause level. By incorporating Fillmore's (1968, 1975) "proposition' as a refinement to Halliday's (1994) "experiential level of representation', linguistic marks of power can be detected and accounted for by the power Benefactive semantic subdomain as an extension to the Benefactive semantic domain (which expresses the notions of possession, gain or loss, benefit) to encompass the notion of power. In conducting the analysis, our pilot study detected 76 power Benefactive predicators in a relatively small sample of 10 articles. A percentage of these emerged as power Benefactive in their basic sense while the remaining predicators resulted from semantic moves towards the power Benefactive subdomain. These initial results are significant and confirm that the power Benefactive predicators under investigation are linguistic marks of power. This ongoing research might contribute to polysemy, metaphor, lexicography, computational linguistics, relational semantics and pragmatics.

RELAÇÃO ENTRE PRODUTIVIDADE E FREQÜÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO

Mário Eduardo Viaro (USP)

Como parte intrínseca do signo, o significado é visto amiúde de uma forma absoluta, associado ao significante. De um modo geral, seqüências de sons têm ou não significado e os métodos mais utilizados para decidir não são completamente científicos, mas se utilizam da intuição e da autoridade, isto é, do familiaridade do analista com a língua em questão e da consulta a dicionários. É consabido, no entanto, que nem todas as palavras constantes dos dicionários são reconhecidas como dotadas de significado pelos falantes dessa língua. Essa visão onisciente do

dicionário, que ilustraria a langue saussureana, opõe-se à visão individual, em que consistiria a parole. Foram geradas 4627 seqüências monossilábicas virtualmente boas na língua portuguesa, por meio de um programa escrito na linguagem Java. Submetidas a cerca de 140 pessoas treinadas em leitura de alfabeto fonético, geraram-se respostas muito distintas à pergunta "quais destas palavras têm significado?". A partir do pressuposto de que a experiência individual dos falantes interfere na confecção do seu sistema idioletal, infere-se, da análise desses dados, que estudos de aquisição da linguagem são imprescindíveis para a formulação de uma boa teoria semântica. Além disso, modelos estruturalistas de fonologia se valem de pares mínimos, que sofrem grande variação em número devido à produtividade de alguns moldes fônicos. Por fim, esboça-se uma tipologia baseada na seqüência das palavras envolvidas, que atuam diretamente na formação desses moldes fônicos e têm ampla aplicação nos estudos diacrônicos da analogia e no mecanismo da aceitação dos neologismos.

SINONÍMIA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA VARIANTE AÇORIANA CATARINENSE (SC)

Amábile Bianca Nogueira (USP)

Tendo por base a análise entre palavras, a sinonímia lexical ainda é um ponto que suscita muitas discussões dentro da Semântica. Em princípio, considerando o termo sinônimo a equivalência semântica entre pares de palavras e, partindo da premissa de que não é possível pensar em sinonímia fora do contexto, pois, segundo ILARI (2001:44), "além da identidade de extensão, a sinonímia é identidade de sentido ou, como dizem também os semanticistas, de intensão (grafado com s)". O presente artigo, pautado em dados empíricos coletados nos três pontos mais antigos de colonização açoriana no litoral catarinense, pretende prestar algumas contribuições para o estudo da sinonímia em língua portuguesa. Para isso, serão analisadas as variações lexicais mais marcantes apresentadas em sessenta informantes de diversas faixas etárias (faixa A: dos 8 aos 18 anos; faixa B: dos 21 aos 55 anos; faixa C: acima de 60 anos).